



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025

Apoiadores:

Realização:



## A sistematização de experiências como instrumento de extensão rural: considerações a partir do Programa de ATES/RS

*The systematization of experiences as an instrument of rural extension:  
considerations from the ATES/RS Program*

Janaina Betto

Pesquisadora de Pós-Doutorado Júnior CNPq/Universidade Federal de Santa Maria

Juliana de Almeida Costa

Doutoranda em Extensão Rural/Universidade Federal de Santa Maria

Alisson Vicente Zarnott

Professor do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural e do Programa de Pós  
Graduação em Extensão Rural/UFSM

Pedro Selvino Neumann

Professor do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural e do Programa de Pós  
Graduação em Extensão Rural/UFSM

Tábata Morena Rodrigues Saragoso

Acadêmica de Tecnologia e Gestão de Cooperativas/Colégio Politécnico/UFSM

### Resumo

Sistematizar experiências deve ser compreendido como um processo complexo que oferece a possibilidade de reflexão crítica e dialógica acerca da experiência sistematizada. No contexto brasileiro, foi a partir do processo de redemocratização política na década de 1980 que o método passou a se destacar. Nesse mesmo período, mudanças políticas, econômicas e sociais em torno do rural brasileiro também influenciaram mudanças nas concepções acerca da Extensão Rural no Brasil, que reverberam nos tempos atuais. O presente estudo demonstra como a criação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) impulsionou mudanças como a institucionalização da Sistematização de Experiências como instrumento de extensão rural, com base na experiência do Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental do Rio Grande do Sul (ATES/RS). Demonstra-se, a partir desse caso, os principais enfoques das sistematizações realizadas pelas equipes técnicas de ATES e alguns dos aprendizados apontados pelas mesmas a partir do processo de sistematizar.

**Palavras-chave:** ATES/RS; Sistematização; PNATER.

### Abstract

Systematizing experiences should be understood as a complex process that offers the possibility of critical and dialogical reflection on the systematized experience. In the Brazilian context, it was after the process of political re-democratization in the 1980s that the method came to the fore. During this same period, political, economic and social changes in the Brazilian countryside also influenced changes in the conceptions of Rural Extension in Brazil, which have reverberated to the present day. This study shows how the creation of the National Policy for Technical Assistance and Rural Extension (PNATER) has led to changes such as the institutionalization of the Systematization of Experiences as a rural extension tool, based on the experience of the Technical, Social and Environmental Assistance Program of Rio Grande do



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025

Realização:



Apoiadores:

Sul (ATES/RS). This case demonstrates the main focuses of the systematizations carried out by the ATES technical teams and some of the lessons they have learned from the systematization process.

**Keywords:** ATES/RS; Systematization; PNATER.

## Introdução

Sistematizar experiências deve ser compreendido como um processo complexo, que busca abarcar teoria e prática em um desafio político-pedagógico (KIEL e ASCHIER, 2006) que oferece a possibilidade de reflexão crítica e dialógica acerca da experiência sistematizada. Compreende-se desta forma que, independente da condução, é central que esta se constitua de forma a permitir reflexões críticas acerca da experiência para desenvolvimento de novos processos. De acordo com Miranda *et al.* (2018) o método da sistematização de experiências surgiu como uma ferramenta de investigação do Serviço Social na década de 1950, porém, rapidamente passou a ser utilizada em práticas de educação popular e, posteriormente, em propostas de promoção do desenvolvimento, tendo, neste período inicial, um foco maior na comunicação dos saberes produzidos pelas experiências (Garcia e Tirado, 2007). No entanto, Garcia e Tirado (2007) também afirmam que foi a partir de estudos dedicados ao tema e ao método por autores como Diego Palma (1992) que se construíram avanços nos campos teórico e metodológico acerca da Sistematização de Experiências. Para Palma (1992), apesar da amplitude de ferramentas utilizadas e das diferentes formas de construção, desde os primórdios do uso deste método por educadores populares existe certo consenso entre as diferentes propostas: a contraposição aos métodos positivistas e a busca pela construção através de um enfoque crítico e dialógico. Para o autor, a necessidade de sistematizar as diferentes práticas e experiências de educação popular na América Latina foi um dos elementos responsáveis pela disseminação da Sistematização de Experiências, mesmo que ainda não se tivesse um acúmulo metodológico mais nítido sobre o mesmo.

Para Holliday (2006), o contexto social e político da América Latina a partir da década de 1960 lançou o desafio político, através dos movimentos sociais, ao meio acadêmico proporcionando a necessidade de reinvenção, adequação e abertura para novas metodologias e o diálogo entre o meio acadêmico e os agentes sociais destes movimentos. Foi neste contexto



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025

Realização:



Apoiadores:

de redemocratização política da década de 1980 que a Sistematização de Experiências passou a ganhar destaque no Brasil. Por outro lado, mas da mesma forma, as mudanças políticas, econômicas e sociais em torno do rural também influenciaram fortemente as concepções sobre a Extensão Rural no Brasil ao longo das décadas, até os dias atuais. O objetivo deste relato é indicar que a criação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - PNATER no Brasil impulsionou mudanças que levaram à institucionalização da Sistematização de Experiências como instrumento de extensão rural no Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental do Rio Grande do Sul (ATES/RS), apontando os principais enfoques das sistematizações realizadas pelas equipes técnicas de ATES e alguns aprendizados das equipes no que tange ao processo de sistematizar.

## Metodologia

Priorizou-se uma revisão de literatura acerca da criação da PNATER e da incorporação da Sistematização de Experiências pelo Programa de ATES/RS e uma análise documental daquelas realizadas pelas equipes técnicas do Programa de ATES/RS entre 2013 e 2015.

## Resultados

### A sistematização de experiências como instrumento de ATER no Brasil: o caso do Programa de ATES/RS

O contexto político e social citados por Holliday (2006) como berço para se pensar novas metodologias para a atuação acadêmica, incorporou também o rural. No Brasil, de acordo com Miranda *et al.* (2018), a década de 1970 foi palco de muitos conflitos gerados principalmente pela falta de democracia aliada à crítica situação econômica e social gerada pelas transformações que o país sofria naquele período. Conforme Wanderley (2011), nesse período houve grande apoio do Estado para a modernização da agricultura e a expansão capitalista da fronteira agrícola e uma forte repressão aos movimentos sociais do campo. Ainda assim, os setores populares buscavam se organizar e, a partir da abertura democrática na década seguinte, puderam protagonizar mudanças significativas. De acordo com Miranda *et al.* (2018),



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025**

Realização:



Apoiadores:

o modelo de produção conservador capitalista gerou um grande êxodo rural devido ao empobrecimento dos camponeses, além de passivos ambientais sérios. Assim, movimentos sociais, universidades e organizações não governamentais passaram a se organizar, criticando o modelo tecnológico vigente e construindo alternativas, elencando, entre as décadas de 80 e 90, o desenvolvimento sustentável como alternativa ao modelo de crescimento econômico, abarcando a reforma agrária e a solução da crise ambiental como propostas. Além disso, de acordo com os autores, foi neste período de reaproximação entre sociedade civil organizada e setores estatais que as propostas de produção baseadas na Agroecologia passam a demandar ações de extensão rural e práticas extensionistas mais adequadas às demandas, concretizando a necessidade de uma assistência técnica e extensão rural (ATER) “desenvolvida como afirmação de um processo educativo, construtivista, participativo e organizacional.” (Moreira, 1997 apud Miranda *et al.*, 2018, p. 165), ao contrário do modelo de Extensão Rural consolidado no período da modernização conservadora, centrado na difusão de tecnologias.

Assim, a Sistematização de Experiências passou a ser entendida como método passível de ser utilizado pelas equipes de ATER junto às comunidades rurais, sendo praticada por diferentes entidades/extensionistas ao longo dos anos, porém, foi a partir de 2004, com a criação da PNATER, que se institucionalizaram os preceitos da Agroecologia, da participação social e do uso de metodologias participativas como princípios de ATER para a agricultura familiar. A PNATER foi construída em um contexto de emergência de um governo progressista, buscando sanar uma lacuna deixada pelo sucateamento dos serviços públicos de extensão rural no Brasil na década anterior. Ela representa uma proposta de implementação de uma extensão rural gratuita, acessível e de qualidade, financiada pelo Estado e comprometida com a sustentabilidade. Dentre seus princípios está a adoção de metodologias participativas, com enfoque multidisciplinar, interdisciplinar e intercultural, para construção da cidadania e a democratização da gestão da política pública, assim como a equidade nas relações de gênero, geração, raça e etnia e o compromisso a segurança e soberania alimentar e nutricional e a adoção de princípios agroecológicos como enfoque preferencial para o desenvolvimento de sistemas de produção sustentáveis, delimitando públicos prioritários, dentre os quais estão as famílias assentadas por programas de reforma agrária. Neste contexto de reconstrução, reorientação e



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025

Realização:



Apoiadores:

fortalecimento da ATER gratuita e comprometida com o desenvolvimento sustentável, norteado pelos princípios e objetivos da PNATER, se constituiu o Programa de ATES do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) do Rio Grande do Sul, que iniciou em 2004, na modalidade de convênios e se efetivou em uma segunda fase, por meio do modelo de contratos, via chamadas públicas, tendo como executoras entidades públicas e privadas, contratadas pelo INCRA e assessoradas metodológica e pedagogicamente pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Em acordo com os preceitos encontrados na PNATER, o Programa de ATES/RS incorporou a Sistematização de Experiências como instrumento de extensão rural, com foco na valorização e no incentivo da Agroecologia, com vistas à promoção do desenvolvimento rural sustentável conforme previsto na mesma. Segundo Miranda *et al.* (2018), o Programa de ATES tinha como um de seus princípios a substituição de enfoques difusionistas e o estímulo à enfoques participativos e de paradigma tecnológico baseado nos princípios da Agroecologia. Para implementar seus preceitos, o Programa de ATES passou a discutir, ainda em 2011, alternativas metodológicas para estimular a promoção da Agroecologia nos assentamentos. A ideia de incorporação do método da Sistematização de Experiências como instrumento de ATER surgiu a partir do “Encontro Estadual de Técnicos de ATES com Enfoque na Área Social”, sendo posteriormente levado aos Encontros Regionais de ATES, instância de governança social dentro do Programa, onde a ideia se fortaleceu e, então, foi promovido o evento “Jornada Técnica Sobre Sistematização de Experiências Agroecológicas no Programa de Ates”, onde participaram a UFSM, o INCRA, as prestadoras de ATES e entidades parceiras do Programa (Miranda *et al.*, 2018). Segundo os autores, no ano de 2013, a Sistematização de Experiências foi apresentada como uma meta contratual do Programa de ATES/RS durante o “Encontro Estadual de Técnicos da Ates”, onde se debateu que a mesma deveria construir um processo dialógico de aprendizado entre técnicos e as famílias e também servir como meio de divulgação de experiências agroecológicas.

## **Principais enfoques das experiências sistematizadas pelas equipes técnicas de ATES e seus aprendizados**



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025**

Realização:



Apoiadores:

O Programa de ATES foi pensado e construído com o intuito de propiciar aos assentados da Reforma Agrária um processo de assessoria técnica, social e ambiental, de maneira a integrar diferentes frentes de atuação extensionista e não somente os aspectos produtivos do rural, delineando aquilo que Miranda *et al.* (2018) denominaram como “abordagem multidisciplinar e interdisciplinar” do Programa de ATES, com um enfoque geral baseado nos princípios da Agroecologia e na superação da herança difusionista da extensão rural. Nesse sentido, a inclusão da Sistematização de Experiências enquanto meta contratual no Programa priorizava que a atenção das equipes técnicas de ATER se voltasse para as experiências “agroecológicas”, que deveriam ser o “objeto” das sistematizações. Nesse sentido, é importante sinalizar que esse enfoque geral não foi mantido por todas as equipes, uma vez que assentamentos de algumas das regiões atendidas pela ATES/RS careciam de tais experiências. Ainda assim, já no primeiro ano avaliou-se que a inclusão dessa meta contratual teve um impacto positivo, pois a sistematização se tornou uma forma de divulgação das experiências agroecológicas existentes e, em outros casos, tornou-se um meio de se impulsionar novas experiências agroecológicas. Como panorama geral das sistematizações realizadas ao longo dos três anos, levantou-se que no ano de 2013 foram realizadas um total de vinte sistematizações, ao passo que no ano de 2014 foram realizadas vinte, porém somente quatorze foram reconhecidas como tal. Já no ano de 2015 novamente foram sistematizadas vinte experiências. A discrepância apresentada no ano de 2014, com menor número de sistematizações, se deve ao fato de alguns trabalhos realizados não terem sido considerados satisfatórios pelo Programa, uma vez que incorreram em simples relatos de experiências, sem o devido e necessário caráter de “reflexão” (Miranda *et al.*, 2018). Segundo os autores, para evitar que esse problema se repetisse, para o ano seguinte o Programa priorizou a realização de novas formações sobre o instrumento junto às equipes técnicas, fato esse que, aliado ao processo de amadurecimento das equipes (de 2013 para 2015), resultou na entrega de sistematizações com maior teor reflexivo em 2015.

A partir da análise das 54 sistematizações realizadas pelas equipes técnicas no período entre 2013 e 2015, observou-se que as mesmas trouxeram uma variedade de enfoques específicos, demonstrando que a Sistematização de Experiências figurou como um importante



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025**

Realização:



Apoiadores:

instrumento de extensão rural capaz de impulsionar o caráter multi e interdisciplinar proposto pelo Programa de ATES/RS. Isso demonstra que, de maneira geral, o processo de sistematização não priorizou aspectos produtivos e/ou tecnológicos em detrimento de outros aspectos específicos, como questões organizativas. Para fins analíticos, as sistematizações foram categorizadas em cinco eixos que buscam agrupar estas a partir dos enfoques principais abordados por cada uma, sendo eles: aspectos produtivos e/ou tecnológicos, que no ano de 2013 teve 6 sistematizações, em 2014, 3 e 2015, também 3, totalizando 12 sistematizações com este foco ao longo dos três anos; organização social e cultural, que em 2013 teve apenas 1 sistematização dentro do eixo, em 2014, 6 e em 2015, 8, totalizando 15 sistematização ao final do período; organização para comercialização, teve em 2013, 5 sistematizações, 3 em 2014 e 7 em 2015, totalizando também 15 sistematizações no total; organização produtiva familiar, em 2013 incorporou 6 sistematizações, 1 em 2014 e 2 em 2015, totalizando 9 e, por fim, questões ambientais, que teve 2 sistematizações em 2013, 1 em 2014 e nenhuma em 2015, totalizando 3 sistematizações. Cabe destacar que a categorização proposta no quadro acima é para fins analíticos e toma como norte o enfoque principal trazido pela sistematização, portanto, não representa uma divisão estática das experiências, uma vez que algumas contemplam mais de uma categoria, em acordo com a complexidade que é prevista em uma sistematização.

Nesse sentido, chama atenção o destaque dado pelas equipes a experiências sobre processos de organização social e cultural e processos de organização para a comercialização, categorias as quais somam a grande maioria das experiências sistematizadas. No primeiro caso, reportam a experiências de coletivos como grupos de mulheres e sua importância para a vida comunitária e, no segundo, a coletivos que se organizam para participação em feiras e/ou acesso a políticas públicas. Também foram numericamente relevantes as experiências envolvendo aspectos produtivos e/ou tecnológicos e aquelas sobre organização produtiva familiar, ambas reportando a questões relacionadas aos processos produtivos em assentamentos da Reforma Agrária. As experiências relacionadas à temática ambiental recebeu menor atenção das equipes técnicas de ATER, denotando um campo de atuação extensionista desafiador, ainda que a questão ambiental seja transversal a muitas das demais experiências sistematizadas devido ao caráter agroecológico das mesmas. A maior centralidade que as equipes técnicas passam a dar



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025**

Realização:



Apoiadores:

a experiências de cunho organizativo aponta para um acúmulo adquirido por meio da própria prática de sistematizar. É perceptível que com o passar dos anos as equipes se desafiam a dar atenção a experiências de organizações coletivas, que abarcam grande complexidade por envolver processos relacionais e cujas reflexões geradas pelo ato de sistematizar podem contribuir para fortalecer a organização social, cultural e produtiva dos assentamentos, bem como a vida comunitária e o desenvolvimento local. A reflexão sobre os aprendizados das equipes técnicas com o instrumento Sistematização de Experiências toma por norte as sistematizações realizadas em 2015, pois conforme Miranda *et al.* (2018) foram essas as que apresentaram resultados mais consistentes em termos do diálogo estabelecido entre técnicos e famílias e das reflexões produzidas nesse processo, ou seja, estas se destacam por permitirem maiores avanços no trabalho das equipes de ATES devido à avaliação dos limites e das potencialidades apontados pelas famílias e equipes e, com isso, o estabelecimento de possíveis ações futuras para melhorias e avanços nas experiências sistematizadas.

Nesse sentido, cabe reiterar que essa diferença das sistematizações de 2015, em comparação com as de 2013 e 2014, é fruto do amadurecimento das ações das equipes envolvidas diretamente no processo de sistematização e da formação continuada na temática promovida pelo Programa de ATES/RS e, portanto, refletem os avanços na relação das equipes com a Sistematização de Experiências como instrumento de extensão rural. Destaca-se que ao final de cada sistematização esperava-se apontamentos das equipes técnicas - em diálogo com as famílias e/ou coletivos - quanto aos limites e potencialidades das experiências, bem como reflexões das equipes acerca dos aprendizados adquiridos a partir do ato de sistematizar. Nesse sentido, ficou perceptível que as equipes trouxeram apontamentos relevantes para se pensar a Sistematização de Experiências como instrumento de ATER. Dentre eles, salienta-se: algumas equipes passaram a valorizar mais a incorporação de metodologias participativas na prática extensionista; outras consideraram que o trabalho com a sistematização trouxe maior inserção dos técnicos em momentos que não faziam parte de sua atuação extensionista cotidiana, resultando em uma qualificação da atuação extensionista; sistematizar fez perceber a complexidade e os desafios do trabalho no/com coletivo(s); reconhecimento da importância da diversificação produtiva para as famílias; importância do espaço das escolas para se impulsionar



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025

Realização:



Apoiadores:

as práticas agroecológicas e ambientais; necessária continuidade da prática de sistematizar, pois ela permite qualificar as experiências existentes, bem como serve para criar referências para outras famílias assentadas; e, o reconhecimento de que a reflexão sobre as potencialidades e dificuldades das experiências pode ser uma boa estratégia para o planejamento de ações futuras.

## Considerações finais

Conclui-se que a inclusão da Sistematização de Experiências no rol de instrumentos de extensão rural impulsionou o caráter multi e interdisciplinar do Programa de ATES/RS, desafiando as equipes a sistematizar experiências complexas e com diversos enfoques temáticos, com destaque às organizativas nos âmbitos social, cultural e produtivo. Com base nos documentos analisados e na bibliografia compreende-se que a sistematização na extensão rural tem potencial educativo para as famílias assistidas e para as equipes técnicas.

Para as famílias, por permite a reflexão crítica em torno das próprias experiências e, junto às equipes técnicas, desenhar caminhos possíveis para o futuro destas. Para as equipes técnicas oportuniza o aprendizado durante o processo de sistematização e a reflexão sobre os desafios e potenciais da ação extensionista. Nesse sentido, o fato deste método motivar o desenvolvimento de reflexões críticas acerca dos processos é um dos elementos centrais para a construção de aprendizados. No entanto, é também desafiador, especialmente para profissionais com formação acadêmica convencional. Nesse aspecto, os materiais estudados demonstram a importância da atuação continuada das equipes técnicas no Programa de ATES, pois isso oportunizou a aproximação com o método e, principalmente, um amadurecimento a partir do processo envolto no ato de sistematizar, bem como a construção continuada de espaços de formação para os técnicos.

Por outro lado, essa situação demonstra também a importância das reflexões de Diesel, Dias e Neumann (2022) ao apontar o fato de que no Brasil não há uma formação profissional que conceda o título de extensionista, denotando um cenário de formação insuficiente. Além disso, apesar de o conteúdo de extensão rural ser obrigatório em cursos das Ciências Agrárias, a carga horária da disciplina é reduzida, além de desconexa das demais disciplinas. Nessa direção, visualiza-se a possibilidade de incorporação do método de sistematização de



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025

Realização:



Apoiadores:

experiências enquanto ferramenta da extensão universitária, de maneira a proporcionar experiências práticas e reflexivas para estudantes de graduação, em torno de experiências de extensão rural, em seu âmbito técnico, social e ambiental. Entende-se que ações de extensão universitária que aproximem os estudantes da extensão rural pode ser um caminho para potencializar a formação de futuros extensionistas, de maneira a promover uma maior conexão entre ação técnica e social dos profissionais das Ciências Agrárias.

Destarte, com base na experiência do Programa de ATES/RS, aponta-se que a aposta em programas de extensão rural com financiamento público, caráter continuado e enfoque teórico e metodológico diferenciados tende a contribuir para o fortalecimento de uma perspectiva crítica e dialógica na extensão rural, impulsionando práticas extensionistas reflexivas, valorizando e impulsionando experiências agroecológicas e processos organizativos.

## Referências

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - PNATER**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2004.

DIESEL, V.; DIAS, M. M.; NEUMANN, P. S. A customização da Extensão Rural e suas implicações para o ensino. *Rev. Bras. Educ. Camp*, Tocantinópolis, v. 7, e14800, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e14800>.

GARCÍA, M. M. B. ; TIRADO M. de la L. M. **El conocimiento desde la práctica y una propuesta de método de sistematización de experiencias**. 2007. Trabajo de investigación (Escuela de Graduado Maestria en Sociologia) - Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2007. Disponível em: [https://cepalforja.org/sistem/documentos/Conocimiento\\_desde\\_practica.pdf](https://cepalforja.org/sistem/documentos/Conocimiento_desde_practica.pdf). Acesso em: 13 ago. 2024.

HOLLIDAY, O. J. Sistematización de experiencias y corrientes innovadoras del pensamiento latinoamericano. Una aproximación histórica CEAAL, *Revista La Piragua*, Panamá, n. 23, p. 7-16, 2006. Disponível em: [https://cepalforja.org/sistem/documentos/oscar\\_jara-sistematizacion\\_y\\_corrientes\\_innovadoras.pdf](https://cepalforja.org/sistem/documentos/oscar_jara-sistematizacion_y_corrientes_innovadoras.pdf). Acesso em: 28 nov. 2024.

KIEL, A. C. M. de O.; ASCHER, P. Apresentação. *In*: Holliday, O. J. **Para sistematizar experiências**. Brasília: MMA, 2006.



# III SNEER

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

DE 23 A 25 DE ABRIL  
DE 2025

Realização:



Apoiadores:

MIRANDA, F.; ZARNOTT, A. V.; ZANELLA F. C. O processo de sistematização de experiências agroecológicas como instrumento de extensão rural. *In: Dalbianco et al. (org.). Uma Nova Extensão Rural Pública: a experiência pluralista e descentralizada da assessoria técnica, social e ambiental (ATES) no Rio Grande do Sul. Ijuí-RS: Ed. UNIJUÍ, 2018. p.163-178.*

PALMA, D. Estado Actual de la Sistematización. Santiago de Chile: CEAAL, 1992.

WANDERLEY, M. de N. B. **Um saber necessário: os estudos rurais no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2011.